

RESENHAS

Trabalhadorxs, ontem e hoje: a classe trabalhadora como sujeito social

Eduardo Ferreira da Silva Pereira¹

Resenha de: MATTOS, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*. São Paulo, SP: Boitempo. 2019. p.156.

Para Marx², a “valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*)”. Logo, a construção de uma sociedade que contemple, em primeiro plano, as necessidades humanas, perpassa a organização da ação política de uma classe trabalhadora unificada internacionalmente, nos terrenos da história e da luta de classes. Sendo assim, nada está dado. O marxismo de Marx não é uma pedra no meio caminho, é uma expectativa.

Revisitando o pensamento marxiano para problematizar os desafios contemporâneos e a morfologia da classe trabalhadora, o historiador Marcelo Badaró Mattos, em *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*, define a classe como uma “relação que homens e mulheres, vivendo em sociedade estabelecem entre si para produzir e reproduzir-se socialmente”³ Essa percepção se distancia da ideia de estratificação social, cuja fixidez tende a atenuar os conflitos presentes na contraditória relação entre as classes sociais.

Visa, por outro lado, uma aproximação em relação à leitura marxiana, que abre caminho, de forma dialética, para uma atualização dos debates acerca do trabalho, dos trabalhadores e das relações de trabalho na formação social capitalista, numa perspectiva materialista que se afirma como tradição de “razão ativa”⁴, para a problematização das tendências estruturalistas de viés “teológico”, no interior do campo de estudos marxistas, e do revisionismo histórico, que vigora no quadro de uma hegemonia conservadora na produção acadêmica brasileira.

Marcelo Badaró Mattos é atualmente professor titular de História do Brasil na Universidade Federal Fluminense (UFF), fazendo parte do GT *Observatório da História da Classe Trabalhadora* (antigo *Mundos do trabalho*). Na sua produção, enfatiza a história social do trabalho e debates teóricos marxistas, sendo autor de

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em História (UFBA/CAPES).

² MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo, SP: Boitempo. 2004. p. 80.

³ MATTOS, Marcelo Badaró. *A classe trabalhadora: de Marx ao nosso tempo*. São Paulo, SP: Boitempo. 2019. p.9.

⁴ Seguindo o posicionamento do autor, contrário a uma certa “tradição de teologia” que se inscreve no âmbito do stalinismo e outras vertentes estruturalistas que reivindicam o pensamento de Marx e Engels como forma de legitimação; tudo isto, com base na crítica presente em THOMPSON. E.P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar. 1981. p.208.

livros e artigos dedicados à análise do processo histórico da classe trabalhadora no Brasil, apresentando afinidades teóricas com António Gramsci e E. P. Thompson. Seus textos mais recentes⁵ examinam as possibilidades e limites das contribuições marxianas para o pensamento materialista, bem como o desenvolvimento histórico da luta de classes na história contemporânea do trabalho, onde dialoga, também, com a compreensão do papel de novos sujeitos na composição da classe trabalhadora no mundo. Numa zona de confluência desses interesses, com escrita fluida e erudição, o livro se orienta pela busca de respostas para dois problemas centrais: quem compõe e como se configura a classe trabalhadora hoje?

Para tanto, divide o livro em quatro capítulos: na primeira parte, examina as noções fundamentais sobre trabalho, classe trabalhadora e consciência de classe no conjunto da obra de Marx, Engels e outros clássicos marxistas; no segundo, faz um estudo quantitativo do perfil da classe trabalhadora no mundo contemporâneo, centrando atenções, posteriormente, na situação dos trabalhadores e trabalhadoras no Brasil; em seguida, produz um balanço crítico sobre os estudos que questionam a aplicabilidade do conceito marxiano de classe trabalhadora na análise das relações de trabalho; e, finalmente, no quarto capítulo, aponta caminhos para a ampliação do conceito central da obra, num breve ensaio pela renovação da história social do trabalho.

Em *O Marxismo e a classe trabalhadora*, capítulo mais extenso da obra, Badaró faz o cotejo entre a produção intelectual e notas biográficas de Marx e Engels, tomando como ponto de partida suas incursões no universo das lutas sociais⁶ do proletariado europeu. Badaró demonstra preferência pela acepção inglesa, que permite a divisão da palavra *trabalho* em duas formas complementares: *labor* e *work*. Estas, referem-se, respectivamente, à relação que os homens constroem, através do trabalho, com a natureza (objetiva-geral-ontológica) e entre si (subjéctiva-específica-formal). Pelo sentido dialético, presente na proposta original de Marx, o autor reivindica a fusão destas formas etimológicas inglesas numa expressão universal: *classe trabalhadora*, que deve ser empregada no singular. Proletariado é outro conceito que considera igualmente adequado para se dirigir a esta classe.

São discutidos, mais adiante, os aspectos interseccionais das relações desiguais entre a burguesia e o proletariado, configurando uma multiplicidade de aspectos que incidem sobre a exploração da classe trabalhadora, para além da instância econômica. O autor faz o exercício de análise da reconfiguração histórica da ideologia patriarcal e do racismo como partes do processo de desenvolvimento do modo de produção capitalista. As classes dominantes, em vez de combatê-los, como

⁵ Para uma análise da sua produção nos últimos dois anos, ver: MATTOS, M.B. Crise capitalista e acirramento da luta de classes: uma leitura nos 200 anos de Marx. *Revista História & Luta de classes*: v.14, p.13-28, 2019; Idem. Review of Andrew Zimmerman, ed., Karl Marx & Friedrich Engels, *The civil war in the United States*. *Science & Society*, v.82, p.453-455, 2018; Idem. A atualidade de Marx em seus 200 anos: a questão das opressões. *Marx e o marxismo*, v.6, p.355-374, 2018.

⁶ Sobre o contato de Marx com os movimentos dos trabalhadores ingleses ter sido direto “com pelo menos quatro frentes dos setores mais avançados do movimento operário europeu: as sociedades secretas comunistas de Paris, a Liga dos Justos, o cartismo inglês e a revolta dos tecelões silesianos”. LÖWY apud MATTOS p.22.

ideologias nefastas, os readequaram às suas demandas e interesses, funcionando enquanto codificações da alienação⁷ da classe trabalhadora. Tais opressões, no entanto, apresentam trajetórias distintas.

As opressões de gênero são vistas como anteriores à própria consolidação do modo de produção capitalista, haja vista a longevidade de opressão patriarcal. Em relação ao racismo, são destacados dois momentos: o pré-capitalista, no qual os elementos culturais e religiosos são preponderantes; e o colonial, no qual o aspecto biológico centralizou a legitimação da exploração de mão-de-obra escrava no Atlântico Negro.

Na segunda parte, *Trabalhadoras e trabalhadores nos dias de hoje*, Badaró Mattos faz um apanhado das estatísticas internacionais sobre a composição da classe trabalhadora mundial. Apresenta dados em sua maioria coletados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), Banco Mundial e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Nesse conjunto, apresenta informações sobre a concentração de trabalhadores e trabalhadoras nos três principais setores da atividade econômica mundial: Agrário, Industrial e de Serviços. A força de trabalho mundial é estimada em 3,338 bi de pessoas em 2016.⁸

A questão das migrações é estudada pelo viés estatístico, em países com perfis distintos no cenário global. Caracteriza a participação dos imigrantes clandestinos na Europa, os definindo como atores sociais que favorecem o “desequilíbrio natural” do mercado de trabalho no capitalismo, sem os quais a renovação da força de trabalho em nações como Portugal e Inglaterra estaria comprometida. A partir dessa chave, discute o barateamento da reprodução social da força por meio do fluxo de entrada dos imigrantes no mercado de trabalho.

O autor prossegue na análise quantitativa, se debruçando sobre o quadro geral da classe trabalhadora no Brasil. Detecta uma situação de aceleração das ocupações urbanas nas últimas décadas do século XX, identificando a ausência de dados sobre os trabalhadores terceirizados. Apresenta, ainda, índices alarmantes da sonegação de impostos previdenciários por parte das empresas brasileiras, que atinge algo em torno de 40% da população ocupada⁹ em postos de trabalho formal.

No *Debate sobre a classe trabalhadora hoje*, o texto se encaminha para uma breve análise das teorias sociais que decretam o fim da classe trabalhadora, bem como põem em xeque o seu potencial revolucionário. Badaró analisa o conjunto das reflexões de Claus Offe, André Gorz, Robert Kurz e Moishe Postone. São autores que, para Mattos, produzem análises carregadas de determinismo tecnológico e um forte viés fatalista, cuja probidade científica é limitada pela profunda crença na incapacidade de se pensar em formações sociais alternativas, que contem com o protagonismo da classe trabalhadora. Paralelamente, contrapõe a essas tendências

⁷ Para uma análise das codificações da alienação na relação entre opressões de raça e gênero na reprodução do capitalismo ver: BAKAN, Abigail. *Marxismo e antirracismo: repensando a política da diferença*. *Outubro*, n. 27, nov. 2016, pp. 45-76.

⁸ Base de dados da OIT <<http://www.ilo.org/global/statistics-and-databases/lang--en/index.htm>>, acesso em jun. 2017.

⁹ MATTOS, op.cit. p.86.

deterministas a produção de filósofos, historiadores e cientistas políticos marxistas: como Trotsky, Bensaid, Meszáros e Ricardo Antunes.

Finalmente, no *debate historiográfico recente sobre a classe trabalhadora*, Badaró adentra o universo da historiografia social do trabalho. O autor põe em perspectiva histórica o debate sobre a formação da classe operária na Inglaterra, centrando as atenções, num primeiro momento, nas tendências “pós-estruturalistas”. Faz, então, um breve apanhado da definição da classe trabalhadora na obra de autores como Stedman Jones e Patrick Joyce. Com matizes diferentes, esses historiadores são apresentados como tributários do *linguistic turn*, que caminham no sentido de uma desvalorização da classe como categoria válida e operacional para a análise da história dos trabalhadores, por reconhecerem nessa chave teórica a construção de uma “realidade discursiva”.

Noutro momento, contrapõe os teóricos da “realidade discursiva” aos historiadores sociais do trabalho na Inglaterra dos anos 1960. Asa Briggs se destaca como produtor de análises que conectam a ação dos movimentos dos trabalhadores ingleses à singularização do conceito de *classe trabalhadora*. Teria sido, assim, a experiência de luta e solidarização dos trabalhadores organizados os fatores principais da mudança etimológica. A historiografia inglesa do trabalho fica marcada também pelas divergências entre E.P Thompson e Eric Hobsbawm, autores que polemizaram sobre a periodização do processo de formação da classe trabalhadora britânica dentre outras problemáticas da escrita de uma história “vista de baixo”.

Para além dos historiadores ingleses e suas peculiaridades, Badaró destaca a colaboração de autores de regiões periféricas do capitalismo global para a reconfiguração das características da classe trabalhadora. Demonstra entusiasmo com os aportes de Ranajit Guha¹⁰, José Carlos Mariátegui¹¹ e Marcel Van den Linden¹², por simbolizarem a abertura para uma categorização mais ampla de classe trabalhadora, que abranja não somente o proletariado britânico, reinante, por exemplo, na forte e heterogênea tendência thompsoniana da história social do trabalho no Brasil, conjunto no qual o próprio Badaró Mattos parece estar inscrito; mas seja, também, capaz de abarcar outras experiências, gestadas nos países do *Sul global*.

Badaró encontra mais respostas para o desafio da renovação do campo nas discussões contemporâneas sobre a interseccionalidade¹³, bem como nos estudos

¹⁰ GUHA, Ranajit. Algunos aspectos de la historiografía de la India colonial. In: GUHA, Ranajit. *Las voces de la Historia y otros estudios subalternos*. Barcelona, Crítica. 2002.

¹¹ MARIÁTEGUI, José Carlos. “Prólogo de Tempestad en los Andes de Valcárcel, In: Mariátegui, J.C. *7 ensaios de interpretação de la realidad peruana*. Disponível em: <<http://marxists.org/espanol/mariateg/1928/7ensayos/02.htm>>, acesso em fev. 2019.

¹² LINDEN, Marcel van den. História do trabalho: o velho, o novo e o global. *Mundos do trabalho*, v.1, n.1, jan-jun.2009.

¹³ Sobre interseccionalidade, ver: CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, *Estudos Feministas*, ano 10,1/2002. p.177. MACNALLY, David. Intersections and Dialectics: Critical Reconstructions in Social Reproduction Theory, In: Tithi Bhattacharya (org.), *Social Reproduction Theory: Remapping Class, Recentering Oppression* (Londres: Pluto, 2017, p.94-111.

feministas da *teoria da reprodução social*¹⁴, ativos em discussões internacionais, mas que ainda não constituem um campo de debates solidificado para além dos grupos de trabalho, instituições acadêmicas, publicações e eventos acadêmicos concentrados nos eixos Sudeste-Sul do Brasil. Sua aventura ensaística realiza um importante exercício de dialética, ao debater com tendências que tentam controverter a tese marxista da centralidade do trabalho, para, a partir da negação, elaborar uma síntese crítica sobre a escrita de uma história global da classe trabalhadora. Badaró envida esforços para a realização da tarefa de historicizar a formação social capitalista, propiciando a desmistificação das formas de exploração que contribuem para a metabolização social das relações de dominação capitalistas, identificando as suas formas na configuração do capitalismo contemporâneo.

Esse caminho, o da crítica, nos aproxima do interesse em produzir uma historiografia dirigida ao fortalecimento da luta pelo fim da exploração, em direção ao desafio de construção coletiva de uma sociedade capaz de abarcar os diversos matizes culturais, raciais e de gênero sem, para isso, ter que se sujeitar à lógica do “mundo das coisas”, que transforma os corpos, consciências e a própria liberdade em mercadoria.

Resenha recebida em 19.9.2019

Aprovada em 4.12.2019

¹⁴ Para um mais profundo exame da teoria da reprodução social, a ver: VOGEL, Lise. *Marxism and the Oppression of Women: Toward a Unitary Theory*. Chicago: Kaymarket. 2013. (1983) e ARRUIZZA, C. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. *Outubro*, nº 23, p. 33-58, 2015a. Disponível em: <http://bit.ly/1IV8ss1>. Acesso em: 20/09/2016.